

TRABALHOS DO INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

«DR. MENDES CORRÊA»

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO PORTO

Director — *Prof. Doutor A. Rozeira*

N.º 21

Nótulas sobre a Festa dos Reis

POR

J. R. dos Santos Júnior



PORTO
1 9 7 3



3)
94.2(469.21)(04)
AN

2158 800 110 21 8 2 500 2511100

TRANSFERENCIA AUTORIZADA
POR DESPACHO DE 26 / 5 / 82

TRABALHOS
DO
Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa»

1. SANTOS JÚNIOR, J. RODRIGUES DOS, 1969 — *O Professor Mendes Correia, fundador e 2.º presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.*
2. MACHADO CRUZ, J. AMORIM, 1969 — *Regime Comunitário Pastoril na Serra Amarela (Ermida — Ponte da Barca).*
3. ISIDORO, A. FARINHA, 1969 — *Antas do concelho de Portalegre.*
4. SANTOS JÚNIOR, J. RODRIGUES DOS, 1969 — *Os «Cantares» de Rosalia de Castro e o povo galego em alguns aspectos da sua Etnografia de há cem anos.*
5. SANTOS JÚNIOR, J. RODRIGUES DOS, 1969 — *Escavações no Castro de Sabrosa em 1968.*
6. ISIDORO, A. FARINHA, 1970 — *Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) — III.*
7. *Lista dos Trabalhos do Instituto de Antropologia publicados de 1931 a 1969.*
8. SANTOS JÚNIOR, J. RODRIGUES DOS, 1971 — *Antropologia (amplitude e finalidade desta ciência).*
9. ISIDORO, A. FARINHA, 1971 — *Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) — IV.*
10. ISIDORO, AGOSTINHO F., 1971 — *Notas sobre o casamento na Aldeia da Mata.*
11. SANTOS JÚNIOR, J. R. DOS — *Escavações no Castro de Carvalhelhos (Campanha de 1970).*
12. SANTOS JÚNIOR, J. R. DOS — *Uma dança milenária.*
13. MARQUES, GUSTAVO — *Arqueologia de Alpiarça — As estações representadas no Museu do Instituto de Antropologia do Porto.*
14. MACHADO CRUZ, J. AMORIM, 1972 — *Consanguinidade aparente e sua evolução na ilha de Porto Santo.*
15. CRUZ, J. MACHADO, BENDER, K., BURCKHARDT, K., KÜPPERS, F., BENKMANN, H.-G., GOEDDE, H. W., 1973 — *Genetic studies of some red cell and serum protein polymorphisms in the population of Vilarinho da Furna (Portugal).*
16. MACHADO CRUZ, J. AMORIM, 1973 — *Consanguinidade aparente da população de Vilarinho da Furna.*
17. ISIDORO, A. FARINHA, 1973 — *Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) — V.*
18. SANTOS JÚNIOR, J. R. DOS, 1973 — *O Minepa e o Malaíca fantasmas moçambicanos.*
19. ISIDORO, A. FARINHA, 1973 — *Os Sabeler — uma família de pescadores.*
20. ISIDORO, A. FARINHA, 1973 — *Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo) — Novos elementos (IV).*
21. SANTOS JÚNIOR, J. R. DOS, 1973 — *Nótulas sobre a Festa dos Reis.*



Nótulas sobre a Festa dos Reis

A Festa dos Reis, que teve grande nomeada e em muitas terras ainda continua a ter, celebra-se nos dias 6 e 7 de Janeiro.

Como é sobejamente conhecido um grupo de gente moça combina ir pedir os Reis e, depois que anoitece, eles aí vão de porta em porta cantando quadras laudatórias aos donos da casa e das suas pessoas de família. Muitas vezes as cantigas são acompanhadas por tocata.

Na Quinta de S. Pedro, pequenina aldeia anexa da freguesia de Meirinhos do concelho de Mogadouro, distrito de Bragança, durante muitos anos passei as férias do Natal. Ali temos alguns olivais e amendoeiras.

Era certo e sabido que todos os anos nos vinham cantar os Reis, especialmente na noite do dia 6, isto é, na véspera do dia de Reis.

Com as notas e apontamentos que ia colhendo darei notícia de algumas quadras que ali me cantaram à porta da minha casa.

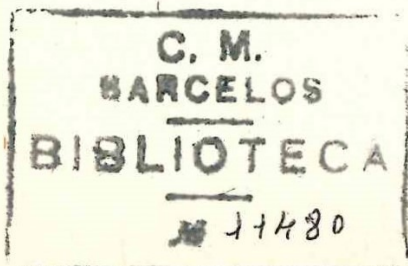
Em 6 de Janeiro de 1963 vieram cantar os Reis uma meia dúzia de rapariguitas entre as quais três filhas de nossos serventuários.

Começaram assim:

*Estamos aqui
Neste dia de Reis
A pedir licença
Para lhe cantar os Reis.*

Mantiveram-se caladas algum tempo, coisa talvez de meio minuto, depois do que a cantilena prosseguiu com quadras alusivas a mim e aos meus familiares.

*Viva lá o senhor Doutor
Raminho de laranjeira,
Inda anda neste mundo
Já no céu tem a cadeira.*



*Viva lá a senhora D. Judite
Raminho de salsa crua,
Quando vai para a igreja
Alumia toda a rua.*

*Viva lá o senhor Norberto
Casaquinho de veludo,
Quando vai pela rua abaixo
Logo imperfuma tudo.*

O remate foram mais duas quadras alusivas aos donos da casa

*Viva lá o senhor Doutor
Vestidinho de vermelho,
É o homem mais honrado
Que passeia no concelho.*

*Viva lá a senhora dona Judite
Nós não queremos ficar mal.
Vivam os senhores desta casa
Vivam todos em geral.*

As rapariguitas foram brindadas com figos e nozes.

Na mesma noite de 6 de Janeiro de 1963 um grupo de três rapazes veio cantar os Reis à nossa porta.

Os versos e a música foram diferentes.

*Bom dia (sic) senhor Doutor
Que bem lhe fica o chapéu,
Com'ós anjinhos do céu.
Fica-lhe tão bem, tão bem!*

*Arcanjos, arcanjos,
Além
Ao Deus Menino
Que nasceu em Belém.*

*Se nos querem dar os Reis
Não nos estejam a demorar,
Nós somos de longes terras,
Temos caminhos a andar.*

*Arcanjos, arcanjos,
Além
Ao Deus Menino
Que nasceu em Belém.*

Mandamos entrar os rapazes para lhe dar os Reis. Soubemos então que eram da Açoreira, aldeia do concelho de Moncorvo que fica por trás da Serra do Roboredo. Estavam com o pai em S. Pedro que ali estava a trabalhar de latoeiro.

Ao despedirem-se disseram:

«D'hoje em bem anos que nos torne a dar os Reis.»

No dia 6 de Janeiro de 1966 os Reis foram-nos cantados com nova modalidade. As quadras cantadas foram as seguintes:

*Quem diremos nós que viva
Na folhinha do loureiro?
Viva lá o senhor Doutor
Que é um grande cavalheiro.*

*Quem diremos nós que viva
Na folhinha da oliveira?
Viva lá a senhora dona Judite
Que é uma grande cavalheira.*

*Quem diremos nós que viva
No grãozinho do arroz?
Viva lá o senhor Norberto
Por muitos anos anos e bôs.*

*Quem diremos nós que viva
Na folhinha do lodão?
Viva o Manuelzinho
Que é um grande cidadão.*

*Quem diremos nós que viva
Na còpinha do chapéu?
Viva lá o menino Jorginho
Que é um anjinho do céu.*

*Quem diremos nós que viva
No ramo de salsa crua?
Viva lá a menina Mizinha
Que alumia toda a rua.*

e a cantata terminou com a seguinte quadra:

*Quem diremos nós que viva
Na folha do laranjal?
Para nós não há diferença
Vivam todos em geral.*

Quer em S. Pedro quer em outras aldeias da freguesia de Meirinhos, e das freguesias vizinhas, é corrente iniciarem a cantilena dos Reis com a seguinte quadra:

*Quem vos vem cantar os Reis
De noite pelo escuro,
De certeza quer provar
Desse seu vinho maduro.*

Aliás quase sempre os cantantes dos Reis são convidados a entrar, sobretudo quando se trata de adultos e de pessoas amigas, e sempre se bebe uma pinga.

Na Quinta de S. Pedro quando cantam os Reis a uma casa e ali nada lhe dão, afastam-se e vão cantando:

*O sobreiro da calçada
Já não volta a dar bolotra
Venham-nos a dar os Reis
Senão defecamos-lhe à porta.*

Substituímos pela palavra erudita defecar o vocábulo, considerado soez, com que o povo, correntemente, refere a expulsão dos excrementos.

Em várias aldeias do leste trasmontano o grupo que vem pedir os Reis grita alto: «Cantaremos nós?» Ficam à espera. Se ninguém aparece cantam.

Se porém os donos da casa não estão na disposição de dar, mandam alguém à porta pôr o grupo a andar.

Então o grupo afasta-se e vai cantando alto:

*Cantamos e cantaremos,
Voltaremos a recantar.
Estes barbas de farelos
Não tem nada p'ra nos dar.*

No entanto, e por via de regra, todos dão, uns mais outros menos.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Porto
Fevereiro de 1973

SANTOS JÚNIOR

Extracto do fascículo 2 do vol. XXII
dos
Trabalhos de Antropologia e Etnologia

biblioteca
municipal
barcelos



11480

Nótulas sobre a festa dos reis